

**NOVA PHENIX  
RENASCIDA::**

---

---

# Nova Phenix Renascida

COIMBRA — Rua da Matemática, 1

DIRECTOR  
Luiz Vieira de Castro

SECRETÁRIO E EDITOR  
Luiz de Sousa e Vasconcellos

A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA AO DIRECTOR

Número avulso, 1:000 réis (um escudo)

MANOEL DE MENEZES . . . . .	<i>Portugal Literário</i>
JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO	<i>Sonetos</i>
ERNESTO GONSALVES . . . . .	<i>Dos Bailados Russos</i>
CAMILLO CASTELLO BRANCO	<i>Duas Cartas Inéditas</i>
LUIZ VIEIRA DE CASTRO . . . . .	<i>Espiritual (conto)</i>
ALVARO MANSO DE SOUSA . . . . .	<i>Poemas Orientaes</i>

IDEIAS & FACTOS

CRÓNICA — VIDA ARTISTICA E LITERÁRIA

A NOVA PHENIX RENASCIDA publica duas “cartas inéditas,, de  
CAMILLO CASTELLO BRANCO

às quaes se seguirão outras de vários  
escritôres celebres de Portugal.

---

---

LIVRARIA DEPOSITÁRIA

F. França Amado, Sucessor — R. Ferreira Borges, 103 a 111 — COIMBRA

---

---

---

---

# Nova Phenix Renascida

LUIZ VIEIRA DE CASTRO, DIRECTOR

---

---

## Portugal Literário

Findo o periodo da guerra, em que preocupações doutra natureza absorveram a humanidade, um completo desnorteamento se apoderou de toda a literatura, e dum modo muito particular, da literatura nacional. Tam grande e tam caracterisado, que não permitiu á critica o exercicio sereno da sua nobilissima função fiscalisadôra e orientadôra.

Durante estes tres anos de pseudo-paz, tentou-se em Portugal uma espécie de inquérito, afim de indagar das tendencias predominantes da literatura contemporânea. Esse inquérito, porem, redundou num perfeito *fiasco*, mercê da incompetencia de quem o iniciou e dirigiu, pois o sr. Alvaro Maia tem uma constituição fisica que não lhe permite ver as coisas a direito. Não se pode dizer tambem que os interrogados, na sua maioria, tivessem compreendido as responsabilidades da sua missão, o que não nos admira tanto, visto que muito poucos dentre êles conquistaram legitimamente a autoridade que o vulgo lhes attribue. Estas duas circunstâncias reunidas deram em resultado o insucesso da tentativa, e um maior obscurecimento na marcha da nossa literatura.

Estavamos ainda em guerra, quando publiquei o meu opusculo *A Novissima Geração*, que devia iniciar uma série de estudos sôbre os nossos tam impropriamente chamados «homens

de letras». As razões atrás indicadas; o desvairamento e a deshonestidade do maior numero dos escritôres portuguezes, aconselharam-nos a adiar essa tarefa, para quando socegasse um pouco a fervura em que borboalhavam tantas reputações erguidas sabe Deus á custa de que inconfessáveis processos.

Ao fim de tres anos constatamos, porem, que a confusão é cada vez maior, e que o talento é cada vez menos necessário á conquista dum posto de honra na nossa historia literária. Continuam grimpendo na escala comercializada do successo, pessoas que nunca lograriam sair duma justa obscuridade onde quer que existisse uma critica severa e um publico educado.

Os homens de letras portuguezes afivelam as mais correntes predilecções da hora actual, numa espécie de jogo de bolsa deprimente e canalha. Por exemplo, conhecemos nós alguns, para quem a vida não passou ainda duma simples função sexual, e que se arvoram em pregoeiros dum espiritualismo á *outrance*. E assim sucessivamente...

Por sobre toda esta degradingolada, por sobre toda esta feira de vaidades balofas e de falsas reputações, a critica arrasta-se com uma indiferença bovina e com uma inconsciencia pavorosa. Fácilmente o provaremos, lembrando, numa breve resenha, os nomes dos *consagrados* da nossa literatura contemporânea.

Posto de parte o sr. Julio Dantas, unico que o bom-senso acabou por colocar fora de toda a apreciação, e cuja obra vive hoje apenas dum banal compadrio literário que a réclama e artificialmente a sustenta; e não tomando em linha de conta o sr. Malheiro Dias, que o Brazil conseguiu inferiorisar; — bastanos analisar a *qualidade* dos restantes super-homens da nossa literatura, para ajuizarmos, com verdade, da sua pobreza e desorientação.

Temos um exemplo flagrantissimo no caso do sr. Antero Figueiredo, que se criou a si-próprio uma fama de literato intangivel, sem consideração nenhuma para com o publico que o tolera. Deve ser dada em breve á estampa uma obra em que um novo e conhecido escritôr faz ao sr. Figueiredo a mais completa exautoração de que haverá memória na nossa história literária. E é necessário que essa obra se faça, e que comece pelo sr. Figueiredo, (Antero, nunca — e mesmo Figueiredo...), pondo a claro toda a miseria mental e literária que os seus livros

representam, tanto sob o ponto de vista artistico como sob o ponto de vista scientifico. Depois do auctor paquidermico da *Leonor Teles*, virão os outros...

É urgente que uma critica impiedosa recaia sôbre esses homens que tão altamente teem prejudicado a nossa literatura, e que, com a sua obra inferior e inutil, estão a desacreditar-nos. Que haja uma relativa benevolência para os que começam, admite-se ainda um pouco, — mas que se consintam e favoreçam certas reputações e celebridades, é um crime de lesa-inteligência, e um atentado contra a nossa honra de portuguezes e de europeus.

Tenhamos o desassombro de educar o publico que quer aprender a ler... Para isso, principiemos por confessar todos os erros em que temos incorrido até aqui. Não falemos mais na prosa metrificada do sr. Antonio Patricio; acabemos com o possidonismo literário do sr. Sousa Pinto. Digamos claramente ao publico que o sr. Augusto de Castro, nas horas em que não veste a sobrecasaca de Acácio, é *tout court* um croniquireo assucarado e frivolo.

E chamemos á ordem os homens que teem responsabilidades, para evitar que o sr. Lopes Vieira, por exemplo, reincida no erro que cometeu com João de Deus, de cuja obra fez uma selecção que tem de ser, por seu turno, seleccionada.

Outro sintoma grave da nossa decadencia é a invasão das mulheres no nobre campo das letras, com uma torrente de livrinhos fáceis e banaes que, expremidos, são mais um triste documento da nossa mentalidade desvigorada e chôcha. Poderíamos apelar para a gente nova... Mas esta, com poucas excepções, está a dar tambem um lamentavel espectaculo de polintrice mental, creando e mantendo nma *arte* completamente falsa, á custa de trocadilhos tôlos e de frases *à rebours*: — pirotecnia barata com que procuram deslumbrar o indigena desmiolado e, sobretudo, imbecilizado por tanta fancaria.

Neste tremendo cahos não se devisa um rumo elevado e nobilitante. Os ultimos valores, pertencem quási todos ao *avant-guerre*.

A unica geração (no sentido vulgar da palavra) que se impoz nesta ultima duzia de anos, pela sua cultura e pelo seu espirito, anquilosou-se na politica, que exclue dum certo modo

a ideia de Arte, sobretudo quando esta procura servir aquela. Em todo o caso, foram os ultimos a afirmar-se como valores positivos, com uma orientação de conjunto muito notavel e com um plano de acção cujo triunfo é já hoje incontestavel.

Descontando estes, e eliminando os anteriores, restam a Portugal alguns escritores que salvariam talvez a dignidade das nossas letras, se em volta de quasi todos elles se não fizesse hoje um criminoso silencio, ou se os não tivessem votado, na maioria, a um esquecimento feroz, atropelados como foram por todos os *parvenus* da celebridade que atraz citámos.

Há muitos espiritos notáveis e muitos artistas encantadores, de quem o publico mal se lembra já... Um dia lhes diremos aqui os nomes, embora no Chiado continue triunfando o pedantismo official e consagrado. Pode a nossa voz gritar no deserto, que essa perspectiva não nos allige. A critica faz-se com a verdade, e com muito desassombro, lutando sobretudo contra certos preconceitos que, por assumirem uma pose intelectual, teem de ser mais rijamente desmascarados. Assim iremos tentando realizar esta obra de purificação e de justiça, remetendo aos logares que merecem todos aquêles que, bem ou mal, occupam na literatura portugueza um posto de destaque.

É um trabalho difficil e ingrato; mas para elle contamos com o auxilio de alguns belos espiritos criticos que se propõem, em obras successivas, analisar o estado actual das nossas letras, e dar a medida exacta do valor dos seus nomes mais representativos.

Com verdadeiro prazer iniciamos essa tarefa nas páginas da *Nova Phenix Renascida*. Esta revista não é orgão de nenhuma coterie, nem tampouco se apresenta com qualquer programa determinado, pois bem sabemos todos o que vale o pedantismo dum programa... Dada a inteira liberdade de espirito, elegante, ordenada e europeia, com que esta revista vem a publico, é para mim um nobre prazer mental dar-lhe o pouco que a minha colaboração representa, não pelo seu próprio merecimento, que, á parte a sinceridade, é nulo, mas, e sobretudo, pela alta esperança de vêr a *Nova Phenix Renascida* crear em volta de si um ambiente propicio á grande obra de cultura e de afinamento de gosto que é imperioso realizar, para reabilitação das letras portuguezas.

MANOEL DE MENEZES

---

---

## SONETOS

*Curvado á beira da cisterna, o moço  
cheio de graça, o helenico Narciso  
olha no espelho flutuante o aviso  
do tempo: as nuvens indo em alvoroço.*

*Subitamente, move-se no poço  
— agora azul, que o ceu reflete, liso —  
uma imagem que é linda como um friso  
toda, dos pés aos flancos e ao pescoço.*

*Andam abelhas em redor zumbindo.  
Pelos campos desertos vão abrindo  
rosas vermelhas e jacintos de ouro.*

*Mas nada abala o sonho em que se prende.  
Continuamente para o fundo estende  
as mãos em busca dum efebo louro.*

1918.

*« No palácio real, junto a Messenas,  
contemplo anciosa os horizontes largos  
e passo os dias sempre iguaes e amargos  
ouvindo estranhas, rudes cantilenas.*

*Esperando um irmão, eu vivo apenas  
para a vingança de meu pae, Rei de Argos.  
A minha vida não tem mais encargos  
e as outras coisas são banaes, pequenas.*

*Eis pela doce e branda paz nocturna  
um emissário vem, de quem recebo  
uma formosa, preciosa urna.*

*E diz: Ele morreu. Venho entrega-la,  
a sua cinza, Electra. E então percebo  
que é o próprio Orestes, meu irmão, que fala».*

1918.

*No horto pascal, em volta da choupana,  
aonde, ás tardes sossegadas, venho —  
ouvi agora, por acaso, um anho  
balir na sua voz tão quase humana.*

*Aventurou-se. . . A confiança engana.  
Tão nôite já! E aonde irá o rebanho?  
E penso (eu que bem só ficado tenho)  
que a mesma dor de exílio nos irmana.*

*Calou-se. O poente palido se ofusca.  
Sonha talvez que S. João, chegando,  
ao pescoço uma fita azul lhe aperta.*

*Tresmalhados da vida, i-vos em busca  
do destino perdido! nunca entrando  
por qualquer porta no caminho aberta.*

1920.

« Oh lembrança de amor, oh viridente  
flor de outonaes jardins, cortada cerce,  
que eu vi nas minhas mãos desvanecer-se  
Como uma vã teoria insubsistente,

aonde páras? Insistentemente  
teu cheiro, como o dum doirado alperce,  
tão perturbante enlevo ainda exerce  
junto de mim, que não crêra ausente!

Oh alma de jasmim, oh luminosa  
esfera de cristal, químera de oiro,  
saídade de ha muito pressentida!:

No fruste enlace a morte piedosa  
veiu, e não sei qual nesse sonho loiro,  
qual foi de nós o que ficou sem vida? »

1921.

JOÃO CABRAL DO NASCIMENTO.

---

---

## Dos Bailados Russos

Ainda me foi dado colher, nessa época de indecisão e paradoxo, que foi os primeiros anos da grande guerra, a flôr envenenada e dum pertume perturbante que crescia no horto lunar dos bailados russos. Guardo no estojo de sândalo da minha saudade esse aroma que me faz sorrir, quando destapo esse cofre de segredos, com aquela ironica ternura que todos nós temos pelos nossos entusiasmos antigos e que fenecêram, dentro da vida, por não possuírem o divino ritmo de tudo o que é natural e profundo. Será um têmea esplendido para um critico superior essa época anarquizada em que o meu espirito se formou. E se eu recebi nessa hora definitiva para a minha evolução o impulso que me conduziu num heróico orgulho até os luminosos cimos intellectuaes, outros, no entanto, continuam numa mascarada macabra e burlêsca perdidos na feira da sensibilidade que vive para si egoistamente, vergando-se sobre si própria, sem contacto com a divina vida do Espirito e da Inteligencia. O *Ballet Russe* foi a iluminura, composta com chama e com ritmo, colocada nessa época do *avant-guerre*, que ficará sendo conhecida no mundo pela idade do desvairamento; em que o homem se agitou, numa histérica alucinação, entre todas as duvidas e extravagancias, sem atender ao ritmo sereno, tiranicamente sereno, das cousas criadas. Sem disciplina, sem a regra clássica do pensamento, a agitação intellectual dessa época foi uma investigação delirante de ineditismos, um rebuscar civilisações mortas, um desejo exasperado de exotismos para que a sêde que a devorava se extinguisse.

Mas era tudo em vão porque ela redobrava cada vez mais

de intensidade dolorosa. Por isso os bailados russos fôram a sua síntese, magnífica na verdade, mas tão distante de nós, pela sua essência decadente, como de nós fica longinquo o modo de ser do *avant-guerre* cuja expiação os homens sofrêram no sacrificio das batalhas. Os bailados russos, tal como os vi num nebuloso momento da minha evolução, em que a Raça despertava (o mesmo poderiam dizer tantos artistas e pensadores que pertencem á minha geração) e tal como êles ainda hoje se apresentam deante de plateias cosmopolitas, sôma anónima de sensibilidades que chafurdam na lama de emoções doentes e perversas, — inspiraram-se no decadentismo desse período, cujo perfume opiante eu ainda pude recolher e cujo epitáfio foi escrito, com a serena luz do Espirito e da Inteligencia, pelo martirio das batalhas onde a vida se purificava, subindo idealmente até o Reino onde vivem a Piedade e a Beleza. Pela sua côr, que é um dos seus maiores encantos, ha bailados russos que lembram Gustave Moreau, outros, algum pintor intensamente moderno que tivesse bebido o filtro da orgia decadente. Mas alguns outros bailados, esses verdadeiramente russos, vivem num sonho bisantino de côr; desse bisantinismo que os senhores feudaes eslavos, barbaros cristianizados, levavam para os seus dominios e que lá conservavam, num ambiente de ouro e lavarêda, pelos muros das suas cathedraes e castelos. Assim, por exemplo, « Thamar », duma tonalidade moscovita, estilizadissima, onde fácil nos é advinhar a solidão mística da planicie cheia de neve, e essa religiosidade penetrante, barbaramente anarquica, de todas as obras eslavas. Mas como este ensaio é antes um voltar atraz num livro querido, onde em cada folha se conservam, com um ar espiritualizado, a mancha duma paisagem, o leve abeirar-se piedoso duma alma, a ása voada dum pensamento, eu evocarei alguns dos bailados que nessa época mais me interessáram e cujo desenho coreográfico foi para mim uma lição de Linha e de Atitude. Neste momento lembrar a « Scherazade » é sentir na minha face uma mascara de perfume. Ela aí vem, escrava tentadora, vestida numa sumptuosidade de sedas ligeiras, que esvoaçam como vôos de côr acêsa, surgindo do carnaval das idades, neste momento em que eu exumo ironicamente o que no meu passado existe de morto; perdido na cinza das cousas futeis... « Sche-

razade », desenhada sobre a musica bailante e intensamente colorida de Rimsky-Karsakoff, é uma evocação maravilhosa, um sonho genial em que a côr dir-se-ia pincelar as nossas pupilas de tal maneira ella é absurda e quimérica, preparada sabiamente num laboratório de alquimista, com paredes forradas de joias e de espelhos. Pela sua beleza, que regressa no passado entre scenários árabes, embebidos em luz e perfume de harém, e pelo seu ritmo oirescente, é o bailado que mais denuncia a época cosmopolita do *avant-guerre*, em que a nostalgia da Beleza exilou numa fantastica côrte de máscaras os artistas transviados do caminho da vida, trilhado misticamente pelo espirito profundo e altamente creador. Tem na sumptuosidade da luz e da côr alguma influencia de Gustave Moreau, esse mago que se debruçava sobre o espelho transcendente em que os mitos ressuscitavam numa atmosfera épica; talvez Des Esseints o tivesse sonhado nalgum pesadêlo em que os sentidos se pervertem angustiadamente até á mentira duma côr misteriosa, electrica, faiscante. « Scherazade » é uma côrte de maravilha em que a volupia fascina, exprimindo-se no tumulto coreografico, em que tudo dança, até a luz, e em que a própria côr parece vir perfumada como um jardim quimérico. Mas por vezes, como uma frase de idilio atravessando o delirio orgiaco, a luz torna-se palida, luarenta, duma diafana tonalidade de luar sobre um lago de legenda que tivesse servido de aquática sepultura ao corpo duma martir cristã. Mas é breve o instantante em que floresce a assucêna idilica: e o ritmo, na orgia do bailado, dança envôlto em gazes e sêdas flutuantes, espectralizadas pelo redopio dos corpos, convidando os escravos e a Scherazade, que a tudo preside como uma flor de ritmo e de fogo, á pósse, á desvairada satisfação dos sentidos. Ah, a maquilhada côr enlouquecida de cascata electrica e de unção lunar, ainda a recordo como um sonho distante! A tentação da Scherazade foi para mim a ressurreição do gênio aventureiro dos lusitanos que iam, por estradas de mistério, em demanda do Prestes João das Indias. O meu sangue conhecia a Scherazade, escrava do Senhor Dom Manuel, o Primeiro... Esbelta, com um esgalgado galbo de escrava dominadora, a quem as sandalias fulgurantes dão uma musicalidade lasciva, coroada voluptuosamente pelo diadema de penas multicores,

feminamente altivo e duma regia sedução, com seu traje tecido com luar e joias, ainda a vejo imperialmente oferecer-se ao desejo do escravo que, tímido, hesita e sedutoramente impor-lhe a posse desejada. Ali o bailado é um delírio de ritmo e de côr, adormecedoramente embalados, e parece desenrôlar-se então num recinto de gruta marinha, onde tudo é duma incrível sumptuosidade e onde a própria luz, num desmaio espectral, se quebra em espelhos que talvez os cenários ocultem... E por ironia eu recorro neste momento a tentação que, por malícia de Santanaz, Santo Antão sofreu, quando num crepúsculo do deserto, que surgia da sombra como um campo de derrota, a Rainha do Sabá apareceu, seguida do séquito bíblico, palanquins de sêda, elefantes cobertos de panos preciosos, flâmulas, guerreiros... Mas as « Silfides » são o bailado que eu recorro com uma voluptuosa ternura de latino. Ainda sonho a musica de Chopin desenhar o ritmo embalante, avoejando como uma pluma por sobre um lago, duma candida voluptuosidade homeérica; e a idílica scena ainda me encanta, esse luaroso sonho em que a alma adormece entre preces de agua abandonada e um sereno vôo ritmizado, pairando num jardim florentino, esculpido em aroma e marmore sobre o azul. As bailarinas surgem numa melodia adormecedora, em que o desejo desmaia entre perfumes, vestidas todas elas dum *zämf* imponderável, corôa de flôres sobre os cabelos louros de virgens, como Graças dançantes da Renascença, em tôrno duma fonte que tecesse em seus sálmos de agua louvores á aurora nascendo, imaterial, como um canto heroico... Breve se completa a scena e então a atitude, o galbo regio, o sereno ritmo dos corpos, vão idealmente comentando a musica num enlêvo romântico — pagão, entre beijos que desejosamente florescem em lírios — porque o perfume destas flores espalha um encantamento por todo o sonho... Por vezes os corpos enlaçam-se num amoroso geito, ao ritmo duma fonte oculta, e harmoniosamente, numa ronda ninfal, emprestam á hora que passa como um sôpro de jardim venusino uma evocação lunar que embala o meu espirito num plácido desejo como se uma aurora de alacres revelações nascesse numa nova juventude do mundo... Esse bailado, dum desenho, clássico e perfeito, dançado sobre a relva da primavera de Botticelli, dir-se-ia o sonho dum príncipe da Renascença, que na

Íntima luz dum jardim patricio se dêsse ao capricho de rimar as curvas de corpos esbeltos, ao ritmo gotejante de fontes. Foi este bailado que me revelou a beleza heroica da adolescencia. E agora, quando o recorde com uma saudade voluptuosa, que a si propria se sorri, é como se eu evocasse um idílio distante em que, por graça da alacridade dum sonho juvenil, despertando entre os horisontes do mundo, uma ninfa me oferecesse a ambrosia divina que transformava os homens em semi-deuses. Para continuar este enlêvo de me debruçar, com uma melancolia ironica, sobre o lago onde se suicidou a princêsa misteriosa que todos nós trazemos na nossa saudade, lembrarei o « Carnaval » esse bailado duma ironia espiritual e erriçada, feito com côres esmaëcidas como uma scena da "*Vie Bohème*". É esbelto, parisino, duma graça romântica, e nêle, todas as atitudes, estilizadas num *clownismo* de dôce sarcasmo e de angustia velada, desenham uma mimica sentimental, desengonçada, aritmica, como se todos os corpos tivessem, em logar duma alma, um maquinismo duma polvilhada ironia caricatural. O seu humorismo quáse versalhês avoeja em volta de mim como uma abelha de ouro. Pierrot, em gestos heraldicos e mecanicos, canta uma sonata ás estrelas, que são de papel. Arlequim gira e passa como o fantasma caricatural do sarcasmo que paira sempre sobre todas as dôres. E Colombina é uma princêsa da côrte de Maria Antoniêta que se tivesse mascarado e futilmente andasse a brincar, numa lirica ironia, com o amôr e a ilusão... Mas, esquecendo-me deste momento paradoxal, em que a vida se ergarça como um boneco de farêlo, eu quéro falar da astral lavarêda rôxa que sempre a « Thamar » me sugeriu. Na verdade, não sei porque, a Rainha criminosa, de rôxo toda vestida, com uma perturbante beleza de czarina, loura e branca como uma misteriosa scitia, em sua predestinação de amorosa enlouquecida, sempre me alembrou a trágica inflexão duma chama arroxçada lambendo um espelho macabro, em cuja agua trémula adormece o scenario dum jardim imperial. A perversa legenda é esta: numa côrte trágica onde a Beleza vive próximo da morte, e o amor que sempre beija, tem caricias tentaculares, a Rainha indolentemente reclinada sobre um divan oriental, lança pela janela em ogiva o acêno trémulo dum veu chamejante... A esse apêlo, a que o abandôno dos gestos dá uma elegância

lânguida; um peregrino acôde, tentado por aquele misterio Na côrte os bailados sucedem-se á entrada do peregrino, num transmudante espetaculo de coloridos, que se desprendem das sêdas persas e tecidos exquisitos como uma irradiação. A alegria desvairada, a que a visinhança da morte dá um frenesi trágico, embebeda a carne num desejo opiado e essa volupia sacrilega traduz-se mais em ritmo, enlanguesce os corpos, faz esvoaçar as sêdas deslumbrantes que são aparições de luz e de côr... Côla o peregrino a bôca sequiosa sobre a bôca pálida da Rainha. Esse amor inesperado tem uma melancolia profunda e dolorosa. E sempre a *kermesse* bailante continúa, na neblina zebrada da côr, óra em velaturas veludosas, óra numa agressiva, ondulante, esquiva beleza de tons que redopiam, ao alto, num incêsto de ritmo como uma cabeleira de fôgo que se desgrenha delirantemente. Súbito, o amoroso peregrino cái morto, o coração atravessado por um estilête de ouro... Então a scêna torna-se duma mudez trágica, em que os corpos se imobilizam como numa cerimonia patética de côrte empestada: sente-se que a morte ali chegou, talvez mascarada, para dançar... Pendem as cabeças das grandes damas, como num luto imperial. E o corpo do peregrino é lançado ao mar, ao som dum *requiem*, que tem uma linha ogival, e que se cása àquele ambiente e à trágica presença da morte que surgiu dos abismos de estrêlas da vida. Este bailado é o mais estilisadamente russo, duma côr moscovita, que parece ser tecida por um artista que tivesse educado a sua retina nos crepusculos quiméricos sobre as planicies de neve. Como diria um fútil estêta: *très russe*. E na verdade de tudo êle se desprende, como uma bruma que nos envolve até nos sufocar, essa alma eslava, incoërente e infantil, sentindo a vida com um delirio barbaro, sem tentar opôr ao descaminho do Espirito a nobre disciplina da Inteligencia. Mas a lavarêda astral da « Thamar » dilúe-se na minha saúde...

Grande foi o caminho andado nesta faina eterna que é a tortura e o orgulho do homem. O sacrificio da Guerra marca na história do Pensamento um terremoto mistico em que aluíram os alicerces frágeis, desabáram as construções inconsistentes,

para só ficar, debaixo da serenidade divina dos ceus, aquelas cristalinas verdades eternas que regem a vida desde que éla caíu das mãos de Deus e por assim dizer formam o seu tesouro sempre antigo e sempre novo. Esses bailados que eu vi ha anos e que puzeram estremecimentos lubricos na sensibilidade de falsos artistas, não pertencem á nossa época: são o documento dum periodo de maravilha epicurista e decadentismo pouco viril cuja agonia ainda se prolonga até nossos dias, embora êle esteja bem sepulto no espirito e na intelligencia dos que seguem heroicamente na estrada hostile do pensamento e da beleza... Ah! mas eu sei: ha creaturas no nosso país, que se pôdem comparar a zangãos inuteis e ridiculos, que numa ignorância pasmosa do que seja o nosso tempo, persistem em considerar como maravilhas inexciveis a « Scherazade », a « Cleópatra », a coreografia do « Principe Igôr »... O artista puro não se immobilisa dentro duma época, de maneira que esta o domine até à escravidão das suas faculdades livres: simplesmente, em tôrno de verdades imutáveis, vai construindo o seu sonho, sem permanecer dentro daquilo que é perecível como manifestação do seu tempo. Os bailados russos, como os vi e aplaudi na indecisão que tiranisava a todos nós nesses primeiros anos do sacrificio europeu, pertencem a 1914, — *avant-guerre*... Hoje só o seu processo subsiste, a sua maravilhosa maneira de revelar a Beleza e que é uma forma de arte superior. A junção do ritmo, da côr e da attitude, formando uma unidade estética, que por habito chamarêmos « bailado russo », é um meio magnifico de interpretar o sonho artistico de lhe transfundir a religiosidade duma cerimonia ritual. A Suécia nacionalisou este processo de arte — e chamou-lhe bailado sueco. Granados tentou tambem a sua espanholisação, levado pelo instante rácico dos povos ibéricos. Na França espiritualista de hoje, na França clássica e nobremente intelectual, Paul Claudel transforma-o numa teoria coreográfica — filosófica, em que o ritmo do pensamento é traduzido pelos gestos melódicos. Embóra o « bailado russo » (esta expressão indica só o *processo*) esteja ainda na sua infância, nós podemos já observar uma tímida evolução e a sua adaptação plastica ao espirito victorioso da nossa época. Mas em Portugal há artistas pseudo-modernistas, vivendo num vácuo desolante de intelligência, que falam da « Scherazade » e

outros bailados 1914, com um pretenciosismo réles que faz sorrir. O portuguez é, na verdade, uma creatura de intelligencia dócil que se sujeita à móda. Mas infelizmente a móda chega até o Chiado e redacções de jornais com um grande atrazo, o que de resto Eça de Queiroz já notára. Os modernistas portuguezes são todos eles — 1914... Nem déram pela guerra, pela transformação que ela operou no mundo espirital! Pela estrada da Raça, a nossa época segue glorificando a vida. O individualismo decadente, limitado a pequenos horizontes, sem um sentido superior e heroico, morre no ambiente de renovação contemporaneo. Todo o artista, como revelador dos abismos espirituais da vida, tem de guiar-se por tudo o que seja uma verdade fecunda e inabalavel. E' esta disciplina que dá às suas obras um equilibrio luminoso, e uma verdade que resplandece na harmonia das cousas creadas. O « eu » é um espelho convergente: mas é necessario interrogar duma maneira profunda as emoções que se reflectem nesse espelho. Temos que estabelecer esta distincão muito subtil, mas ao mesmo tempo muito lucida: ha artistas que se ficam a namorar nesse espelho com um individualismo feminino; ha outros que inquietamente o interrogam, limpando-o sempre de todas as névoas para que a verdade e a beleza se nêle reflitam com todo o esplendor. Mas só a disciplina, o equilibrio da sensibilidade e da intelligencia, pódem fazer o milagre de o conservar bem cristalino, fãiscante na sua fidelidade, de maneira que as proprias estrélas se venham debruçar na sua agua sem a perturbar. E' por tudo isto que os « bailados russos » serão dignos talvez de serem admirados por Des Esseints que na camara da retina enlouquecida os recolheria com a sua insaciedade morbida e feminina. Mas hoje Des Esseints só é digno dum sentimento piedoso...

Coimbra, Maio de 1921.

ERNESTO GONSALVES.

---

---

## Duas Cartas Inéditas

de Camilo Castelo Branco

*A José Cardoso Vieira de Castro*

I

*Meu caro V. de Castro*

*Os meus mais alegres parabens da tua estreia forense. Bellos prenuncios para o Parlamento. Aqui é que tens uma glória infalivel.*

*Quando li a tua carta, vinda com o retrato, cuidei que eras tu que vinhas. Depois reflecti, é desconsoladamente compreendi.*

*No fim deste mez vou ao Porto. Creio que irei com m.<sup>a</sup> filha para Vizella em meados de Maio. Está doente, doente de máo ar e tristura, a pobre menina, que não sabe porque tem 16-anos, nem para que ha mocidade, flores e estrellas.*

*Eu estou escrevendo as "Memórias de Guilherme do Amaral", obra posthuma d'elle. Escrevi Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado, que estão no prelo. Agulha em Palheiro p.<sup>a</sup> o Brasil. Historias do meu tempo, e Ao anoitecer da vida (ultimos versos (?)) p.<sup>a</sup> o Silva Junior do Rocio, e Bosquejos de Critica Literária p.<sup>a</sup> o Moré. Está tudo a gemer na estampa. Hoje representa-se em D. M.<sup>a</sup> uma comedia*

num acto—Duas senhoras briosas. *Vae-me ser assoviada.*  
*Verás.*

O Biester escreveu o jogo p.<sup>a</sup> prémio. *É, como diz o Castilho dos litteratos do Brazil, um percerejo de inverno—sem sangue. O público á quarta recita tinha morrido. Em dia de representação, ás 9 horas da noite, não ha um camarote... vendido.*

O Ant. A. <sup>(1)</sup> (que vem aqui discutir comigo o preadivinhar, <sup>(2)</sup> como tolo que é, e pragal medonho, onde não niça escalracho de estylo) disse-me hontem q. ainda não recebera os teus livros. Mostrei-lhe o teu retrato: diz que está morto por te vêr cá.

Tenho boas esperanças de te abraçar em Maio. Se eu não fôr ao Ermo, irás tu a Vizella.

Teu Cam.<sup>o</sup> Castello B.

L.<sup>a</sup> 9 de Março de 1863.

(1) Refere-se naturalmente ao romancista Teixeira de Vasconcelos.

(2) Alude a um neologismo de Vieira de Castro na sua Biografia de Camilo.

II

*Meu caro V. de Castro*

*Depois entendi os geroglyphicos da tua carta : que este é o mais vil dos paizes do mundo. Não é não : vis são esses pobres diabos por cujas mãos anda alguma coisa mais importante que a balança dos meus insignificantes meritos.*

*Escusas já de me dizer mais nada. Compreendi cabalmente o q. a tua delicadeza quiz calar-me. Já estavas, q.<sup>do</sup> escrevias, certissimo de q. pediste para mim uma coisa absurda. A vilanagem q. se farte. Pouco mais couces poderão dar-me os depositários das graças. Resta-me a satisfação de ter feito rir o Fontes. É honra ser jogral de tão boa pessoa.*

*Quando quizeres dá ordem p.<sup>a</sup> te ser remetida a Chronica de S. Dom.<sup>os</sup>, pequenissima coisa que te offerece a amizade do teu amigo*

*Porto, 27 de Março  
de 1866*

*Camillo Castello B.*

---

---

## Espiritual

Fim-de-dia. Neste anoitecer de pleno-inverno, o Chiado tem assomos de elegancia, nas mulheres que sobem embrulhadas em peles caras, presas dum arripio friorento, sacudido e breve. As figuras imaterialisam-se. Os passos são mais leves, e os proprios pensamentos devem ter um requinte excepcional. Fazem fundo ao palco estranho, as grandes vitrines profusamente iluminadas onde as joias scintilantes e os arminhos macios são uma caricia para os olhos que passam. Os autos inundam dum jorro branco de luz o pavimento da rua, e a sua silhueta tem, naquele scenário europeu, recortes de singular beleza.

Cá em cima, á porta da Bénard, aglomeram-se janotas que conversam o ultimo *potin* sensacional. Nas pequeninas mezas da sala de chá, os ffeis saboreiam, a goles lentos, o veneno delicioso. Ha distincão e graça no ambiente. As mulheres vestem com uma simplicidade adoravel; a rudeza natural dos homens subtilisa-se; as vozes são doces e veladas como o éco duma longinqua musica. Tudo transfigura o inverno. A gente e as coisas espiritualisam-se. Cada rosto denota um intimo desejo de recolhimento, e aos lábios aflora apenas a expressão de impressões delicadas. A conversa decorre com uma vivacidade quási imperceptivel, suave como a mais leve das ironias...

Bernardo Alvim, o cronista encantador das almas civilisadas, entretinha-se, com uns raros amigos, a comentar a elegância da estação, o *chic* das lisboetas e o seu ar desabusado de creaturas do século. O fumo azulado dos abduas de Henrique da Camara envolvia-os num halo de sonho, e atraz da espiral

imponderavel caminhavam todos os olhos, numa fascinação. Só o incorrigivel Carlos de Melo insistia em querer trazê-los para um mundo de realidades, destacando-se da vaga idealista que os arrebatava... E como se falasse ainda no supremo encanto das nossas mulheres, Carlos, bruscamente, atalhou:

— Pura ficção!

Houve como que um despertar desagradavel, irritado. Henrique da Camara não se conteve e disse:

— Só tu o afirmas, com o habitual cinismo das tuas observações. Chegas a ser revoltante!

— Talvez... Mas sou sempre verdadeiro. Nem Vocês, com a porção de sonho que atribuem aos actos mais simples, são capazes de contar-me, por exemplo, uma só das vossas... aventuras, em que o encanto se não tenha desfeito, como o cristal dum espelho em estilhaços.

Bernardo decidiu intervir, compondo:

— Bem vêes, Carlos, que desse facto não podes tirar uma conclusão desfavoravel para as nossas mulheres. Se generalisares, exageras... embora eu te conceda que nas mais ideais aventuras ha sempre uma parte fatal de desencantamento.

— Nem mesmo isso se pode afirmar em absoluto. Ha mulheres singularmente superiores — disse Henrique da Camara — que conseguem manter o que Vocês chamam a *ficção* tão admiravelmente, que nos poupam a dôr de ter de reconhecer que fomos vitimas de qualquer ludibrio banal e grosseiro...

Fez-se uma pausa na conversa, e foi ainda Carlos de Melo, ao sorver o ultimo gole de chá, quem plácidamente continuou:

— Pois de todas as minhas aventuras, aquela de que guardo uma recordação mais cruel e menos agradável, foi, positivamente, o unico grande amor da minha mocidade. Não ha muitos anos, de resto... Como Vocês sabem, abominei sempre a vida das praias, e o espirito de vizinhos que a caracteriza. Chegado o verão, escondia-me obscuramente em Lisboa e só de quando em quando me arrastava até Cascaes a saudade de bem conversar. Foi numa dessas pequenas viagens que encontrei a deliciosa creatura que pouco mais tarde tão violentamente me fascinaria. Clara de B... regressára, havia dias, duma longa ausencia no estrangeiro, onde ficára ainda seu marido. Desde o nosso primeiro encontro, perturbou-me a ideal transparencia

da sua figurinha, frágil como uma porcelana. Vi-a no comboio. Como fossemos velhos conhecidos, conversámos. De quê? Mal me recordo já... Mas, decerto, ela disse-me impressões de viagem, eu dei-lhe novas de Lisboa. O que eu não pude esquecer mais foi a humida luminosidade dos seus olhos, as suas brancas mãos de luar, a carícia envolvente da sua voz...

Ao chegarmos ao Monte, uma coincidência vulgar levou-nos ao mesmo hotel. E ao jantar, da minha mesa vizinha, os meus olhos pararam, em extase, a olha-la. Começou assim esse amôr violento que tão dolorosamente havia de pôr em prova a minha pobre alma derrotada! Demorei-me no Estoril. A nossa intimidade renovou-se, e nas longas horas em que conversávamos havia já um leve mutuar de confidencias que insensivelmente nos aproximava. Até que um dia — era fatal! — perdida toda a calma, apercebi-me a revelar-lhe a veémencia da paixão que me consumia com um impeto tão irresistível e soberano. Clara escutou-me com uma absoluta serenidade; e ao ouvir as minhas ultimas palavras esboçou um sorriso de perdão e de condescendencia, que me fez corar como um colegial... Bem sabem vocês que o amôr implica sempre um regresso á meninice! Tentei esquece-la, e não pude. Voltei a Lisboa, para daí a horas tornar ao Monte. Era impossível resistir... De resto, Clara acolhia-me gentilmente, com um ar inalteravel de simpatia affectuosa, e até de bondade humilhante, reconheço-o agora .. A luta recomeçou, dessa vez mais decidida, mais rude. Insisti nas afirmações que lhe fizera já. E pareceu-me que ela, pouco a pouco, se rendia deante da minha sinceridade, vencida pela altivola energia das minhas palavras, que um fogo ardente queimava. Fui ridiculo e sublime como todos os apaixonados. Tomava as suas mãos entre as minhas, premia-as de leve, e os meus lábios murmuravam todos os logares-comuns do Amôr, num completo e febril enlevamento. Depois, não sei que agitação fazia aflar o meu peito, onde o coração pendulava em epilepsia... Se os meus olhos caminhavam para os dela, eu tinha a impressão das azas que se desdobram e querem fugir. E o meu receio mortal era vê-las mutiladas! Como todos os homens numa *crise* identica, era-me doce sofrer, como era indefinivel a incerteza em que eu me debatia. Porque Clara animava-me por vezes com uma fugitiva esperança. E o meu

supremo tormento era a ignorância em que ela me mantinha. Mil sentimentos diversos lutavam no meu ser. Creio que até um ciúme feroz me beliscou a carne... Sem razão, pois Clara tinha um limitado numero de amizades, e entre os raros que frequentavam a sua intimidade havia apenas um velho *clubman* inofensivo, e um amador de toiros cujas violencias profundamente desgostavam o espirito superior da minha amiga, a julgar pelos admiráveis desdens com que ás vezes encarava o petulante mocinho.

A verdade é que a minha situação era insustentável. Tudo em Clara me subjugava com um enorme poder de fascinação: a sua alma, que era cheia de adoráveis subtilezas, e o seu corpo, que tinha as sagradas vibrações dum violino... Breve se apoderou de mim a necessidade de definir uma situação deploravel. E exigi então dela que me dissesse terminantemente o que sentia e pensava. Não toleraria, por mais um minuto que fosse, a duvida cruciante em que me deixavam as suas palavras e as suas atitudes. Ponderei-lhe a brutal intensidade do meu amôr, a ância de posse que me rasgava a carne num tormento constante. Disse-lhe por fim que, em face desse amor inexcedido, nenhuns preconceitos banaes poderiam prevalecer...

E Clara, com a voz apenas levemente perturbada, respondeu-me:

— A minha teoria do amor é, talvez, romantica... Mas ainda hoje me não resigno a accitar essa violencia material a que os homens reduzem sempre as suas paixões. Creio que o amor não deve sair do dominio do espirito, porque se algum aspecto encantador êle tem, é, precisamente, o da sua idealidade... Não me prendem ao mundo quaisquer considerações de ordem moral, no sentido todos-os-dias da palavra... Se o amasse, dir-lh'o-ia claramente, como prova de que nenhum preconceito me retém. Mas o que eu não posso é transigir com o brutal sensualismo que adivinho nos seus olhos e nas suas palavras. Quási me arrependo da indulgencia com que lhe ouvi tantas confissões, que eu erradamente supuz traduzirem mais um estado d'alma que uma perturbação dos sentidos. Bem vê que nos separa um abismo profundo, e eu sinto que o seu amor não se contentaria nunca com uma simples intimidade

espiritual, que é tudo quanto eu sei e posso oferecer á impaciencia do seu desejo.

Carlos de Melo interrompeu aqui a narrativa, e encarou os seus amigos, como que a surpreênder-lhes o pensamento. Estavam ambos, porém, dominados pelo interesse picante da aventura, e apeteçiam-lhe o desfecho com uma avidéz de abutres... Carlos mimou um sorriso, e continuou assim:

— As palavras de Clara atordoaram-me. A indecisão que me determinára a exigir dela uma explicação leal, nem assim se desvaneceu. Pelo contrário: a incerteza aumentava no meu espirito, agravada agora pela lembrança de que nos distanciava apenas uma razão sentimental que, uma vez destruída, permitiria a minha plena felicidade.

— O que não deves contestar — acentuou, triunfante, Henrique da Camara, — é que as palavras de Clara foram ditadas por um espirito superior e por uma lealdade admirável!

— Podes até chamar-lhes academicas... Assim as julguei também no primeiro instante. A verdade, porém, é que a febre me devorava, e todo esse dia o passei numa excitação espantosa, com horas de quási-delirio em que só o nome de Clara me acudia aos lábios. Era um desejo frenético de tê-la junto de mim, — e no inconsciente desvairo que me alucinára, eu queria romper com tudo, quebrar todos os laços e, num imenso grito d'alma, chama-la para meu lado, porque ela era já indispensável á minha vida, como depois os seus beijos o seriam aos meus lábios, e a sua carne á minha carne... Surpreêdi-me, alta noite, nesta exaltação febril. E não sei que sôpro de loucura me passou então pelo cerebro aniquilado... Mas uma tentação demoniaca se apoderou de mim. Queria possuí-la, e havia de possuí-la. Era brutal, mas era assim... Não podia raciocinar. Restava-me, pois, agir d'acôrdo com o meu desejo imperioso. Dum pulo, saltei da cama, enfiei umas chinelinhas de seda, e corri, como um doido, ao quarto de Clara. Desesperadamente, bati á porta. Primeiro silencio. Redobrei a violencia das pancadas. Ainda nada. Por fim, perdida toda a noção das conveniencias, falei-lhe, chamci-a. E...

— E...? fez Henrique da Camara, ancioso...

— Naquele silencio profundo, na paz dessa noite tenebrosa, (e inexquecível, meus amigos!) ao meu apêlo, onde gritava

toda a minha alma, respondeu o mais ignobil e rasteiro dos insultos.

— Ela ?

— Não, emendou serenamente Carlos de Melo. A voz era do toureiro...

LUIZ VIEIRA DE CASTRO.

---

---

## POEMAS ORIENTAIS

### *A Caçada*

*Sua Alteza o Rajah de Guzarate  
Anda á caça dos tigres em Bengala;  
Pende-lhe dum colar a grande opala,  
Simbolo regio: leite azul e mate.*

*Trêguas á caça. A côrte deslumbrante,  
Toda envolta em damasco e godarins,  
Fabrica um trôno, rico, de coxins,  
Para o Rajah que desce do elefante.*

*De súbito, um rugido! Um tigre enorme  
Salta no acampamento, e um cornaca  
É arrebatado. Ergue-se um fakir*

*Que solta estranhos sons. A fera dorme.  
O fakir se aproxima com a faca  
Em riste, e o tigre morre inda a dormir.*

## *A Bayadeira*

*No Palácio ressoam tamborins.  
Vae começar a festa á Deusa Siva.  
Entra uma bayadeira que, lasciva,  
Se torciola e quebra sobre os rins.*

*O solo é de mosaico avermelhado  
A laca. E é de cobre aquela anfora  
Que lento queima mirra e aloes e canfora,  
E evola fumo, em nuvens, azulado.*

*Da bayadeira o passo, num repente,  
Ora se agita e ora se enlanguece,  
Num bailado de caudas de serpente.*

*Por fim, a rastejar, extingue as danças;  
E o antimonio do olhar fito escurece  
Entre os seios erectos como lanças.*

## *Djemma*

*Seu corpo branco e frio como o Paros  
Tem a flexibilidade dos bambús.  
Paros a latejar, — veias azuis  
Percorrem-no a sulcar desenhos raros.*

*Erectos, — tentação de Satanaç, —  
Os seios brancos, tumidos e frios,  
Parecem dois antilopes bravios  
Possuidos de fremitos carnaes.*

*Num costume pagão, graça gentia,  
O olhar enlanguecido pelo khol,  
E as unhas a brilharem, com henné,*

*A captiva de Zara, branca e fria,  
Aspira ser sultana, langue e mole,  
No serralho sagrado de Mahomet...*

ALVARO MANSO DE SOUZA.

---

---

# Ideias & Factos

---

## CRÓNICA

### A melhor obra de Camillo.

No *Diário de Noticias* de 9 de Janeiro de 1870, publicava-se uma noticia curiosa ácerca de Camillo Castello Branco, em que mais uma vez intervinha o seu amigo dilecto, José Cardoso Vieira de Castro.

Fôra o caso o seguinte: o ministro de Hespanha em Lisboa, Fernandez de los Rios, escrevera a Vieira de Castro duas cartas gentilissimas; uma, felicitando-o pelas suas glórias de orador eximio, a outra pedindo-lhe que solicitasse de Camilo a indicação de qual das suas obras mais estimaria ver traduzida em hespanhol.

Vem isto referido num livro do sr. Alberto Pimentel, intitulado *Notas sobre o « Amor de Perdição »*, onde se afirma tambem que era o próprio sr. Fernandez de los Rios quem se oferecia para fazer a versão.

Damos a palavra ao sr. Alberto Pimentel, que verificou ser a *questão ibérica* « o inesperado claviculario desse mistério bibliográfico ».

Relembremos, com S. Ex.<sup>a</sup>, os factos: « Em 1868, a rainha D. Izabel II é obrigada a abandonar o trono de Espanha. Sob a regencia provisória de Serrano, reúnem-se côrtes constituintes, que resolvem conservar o regimen monarchico. Então procura-se

por toda a parte um rei que vá ocupar o trôno vacante. É a D. Angel Fernandez de los Rios é confiada a legação em Lisboa para tratar aqui de realizar o ideal ibérico, movendo D. Luiz ou D. Fernando a aceitar, qualquer deles, aquêlê trôno de que era preciso arrancar os escritos. Patrioticamente, D. Luiz recusa-o e declara-o aos jornaes *carrément*.

Todos os esforços convergem então para D. Fernando, que põe condições, umas de caracter doméstico, de character politico as outras, e entretanto Fernandez de los Rios julga preparar a união dos dois paizes, fazendo a boca doce aos mais proeminentes portuguezes. É neste meio tempo, em janeiro de 1870, que êle escreve as duas cartas a Vieira de Castro ».

O sr. A. Pimentel supoz que Vieira de Castro tivesse indicado o *Amor de Perdição*, por ser a obra mais popular de Camilo. E, á laia de remoque, acrescenta: « se o romancista tivesse sido consultado, haveria preferido o *Romance dum homem rico* ».

Enganou-se o sr. Alberto Pimentel duas vezes: a primeira, julgando que Vieira de Castro não consultára o seu grande amigo; a segunda, pondo-se a advinhar qual a resposta provável de Camilo...

O caso esclarece-se com a carta de Camilo publicada; pela primeira vez, no n.º 1 da revista *Icaro* de Coimbra — carta que pertencia ao arquivo de minha casa, e que ainda hoje, com muitas outras, religiosamente conservo.

José Cardoso Vieira de Castro consultou o seu amigo. Oíçamos agora o que Camilo lhe escreveu, a proposito do pedido do ministro de Hespanha:

« Perguntas-me que livro meu está no caso de ser traduzido por pessoa de tanto nome e boas letras como é o sr. Fernandez de los Rios. *Sinceramente te respondo que nenhum.*

*Tamanhas futilidades devem esquecer e morrer na lingua original.*

Lembro-te que indiques a S. Ex.<sup>a</sup> os bons livros portuguezes que conheces ».

... Vê-se que Vieira de Castro, fiel ao seu Amigo, começou por indicar o *Amor de Perdição* — que foi traduzido e publicado em 72 em « *La Nueva España* ».

Assim se desfez a duvida do sr. Alberto Pimenrel, pondo ao

mesmo tempo em relevo o pouco apreço, em que Camilo dizia ter a sua obra. Resta saber até que ponto ia a sinceridade do genial escritor...

L. V. DE C.

### Vida Literária e Artística.

Aparte o grande numero de reedições que se tem feito; é pouco notável o movimento literário portuguez dos ultimos tempos. Dentre os livros novos publicados, destacam-se dois que, pela sua origem e pelas suas virtudes, bem merecem, neste breve comentário á vida literária, uma referencia muito especial.

O primeiro é de Eugenio de Castro, esse altissimo Poeta que a multidão dos recém-chegados á letra redonda fez esquecer um pouco. O livro chama-se *Camafews Romanos*, e nele atinge o Poeta a máxima perfectibilidade. Eugenio de Castro, mercê das razões apontadas, tem hoje um publico reduzido, mas por isso mesmo eleito. Não se faz já em volta do seu nome o ruido aflitivo dos grandes *sucessos*, mas em compensação é estimado como merece entre os fieis da Beleza, que não mercantilizam o seu sentimento artistico e a sua dignidade mental. Este seu ultimo livro, inda que pouco acrescenta á sua glória, é, todavia, o documento admirável dum superior talento que, exilando-se com elegancia do brouhaha grosseiro da multidão, de hora para hora mais afirma a nobre serenidade da sua arte. Bem haja Eugenio de Castro, o maior dos nossos Poetas, pela suprema graça e impecabilidade com que escreve os seus versos, e pelo calmo desdem e pela exacta consciencia do seu valor com que apostasiou dos aplausos da maioria...

Publicou-se também este mez um livro novo de Fialho d'Almeida, o mago incomparavel da prosa portugueza. Chama-se *Aves Migradoras* e tem algumas páginas maravilhosas que bastariam para emudecer a mediocridade que o assalta pela calada. No conto (?) com que abre o livro, ha infinitas belezas, que o Artista espalha ás mãos-cheias, numa torrente d'oiro deslumbrante. As proprias exoticiades de Fialho teem um singular prestigio sobre a nossa sensibilidade. É tambem notavel o

estudo sobre a Coronado. Aí nos dá Fialho a medida do seu génio, não só na cristalinidade e no equilibrio supremo da sua prosa, mas tambem na subtil análise que faz da Poetisa reclusa no velho e triste Palacio da Mitra.

No *Diário de Lisboa*, e em folhetins, Aquilino Ribeiro vem publicando ha tempos algumas das suas novelas portuguezas. Aquilino é o único grande escritor que por aí tem apparecido nos ultimos tempos, embora não conquistasse ainda a celebridade ruidosa de certos literatos da ultima-hora. Antes assim... As novelas do *Diário de Lisboa* são a sequencia esperada da obra do auctor dos *Terras do Dêmo*. Confirmam o que sobre elle já se sabia.

Alem disto, pouco ou nada mais, a não ser a grande esperanza de, dentro de poucos anos, virmos a tomar o « chá das cinco » nalguma mirabolante e paradoxal *Patisserie Ferro*...

Em matéria de pintura, as exposições deste ano foram, em geral, duma lamentável pelintrice. Só Eduardo Viana, expondo agora em Lisboa, conseguiu interessar. Ha-de ser um belo e curioso pintor, quando encontrar o caminho definitivo da sua arte. Por ora, não se sabe bem o que quer. As suas extravagancias não chegam a ser futurismo, e os seus quadros *pompier* são iguais e mesmo inferiores aos de Malhoa. A qualidade-mestra de Eduardo Viana é a extranha e impressionante vibração da sua pintura.

Sobre musica, quasi nada podemos escrever. Houve os concertos chamados sinfonicos, e que a nós nos parecem sempre... afonicos. Houve as costumadas demonstrações do conservatório, com o cunho inconfundivel da casa... Por junto, cantou-se em S. Carlos uma opera de Ruy Coelho, que é o unico grande compositor portuguez de hoje e... de todos os tempos. O *Auto do Berço* não foi, todavia, uma obra feliz. Podemos dizê-lo claramente, porque esse facto não invalida a nossa affirmação anterior. A desforra do Artista virá, tarde ou cedo, porque a isso o obriga o seu admirável talento.

M. DE M.

---

Composto e impresso na Tip. F. França Amado, Sucessor  
Rua Ferreira Borges, 103 a 111 — COIMBRA